

Forças absorvidas, forças liberadas: aproximações entre festa e trabalho coletivo em um pueblo do centro-sul dos Andes peruanos

Indira Viana Caballero*

Museu Nacional da UFRJ

indiranahomi@yahoo.com.br

Recibido: 2.04.17

Aceptado: 16.05.17

Resumo: Em Andamarca, uma *comunidad campesina* dos Andes peruanos, as festas e o trabalho coletivo consistem em momentos de grande importância, propícios para compartilhar comidas, bebidas e esforços. O trabalho coletivo é empregado na construção de casas de adobe, limpeza e construção de canais de irrigação, caminhos e estradas. Para os andamarquinos, a realização de atividades em equipes cria uma dinâmica capaz de proporcionar uma espécie de competição positiva, além da manutenção e geração de vínculos enquanto todos estão determinados a alcançar um objetivo comum. A divisão em grupos gera *ánimo*, isto é, a força e a disposição necessárias para realizar atividades consideradas *duras* e *pesadas*. Para que tal força não se acabe, durante o trabalho é feita uma distribuição de substâncias que também produzem *ánimu* como bebidas alcoólicas e folhas de coca. O mesmo sucede nas festas, momentos em que a distribuição e o consumo de bebidas alcoólicas são fundamentais para fazer os participantes dançar, para gerar alegria e vontade de *gozar*, enfim, para criar uma determinada atmosfera ou *ambiente* característico dos momentos de celebração. Com base em uma pesquisa etnográfica, este texto propõe uma breve comparação entre as festas e o trabalho coletivo, mostrando aproximações e diferenças entre esses dois movimentos, tendo em vista que o compartilhamento de esforços e de substâncias são meios fundamentais para alcançar a constituição de coletivos em ambos os momentos. Ademais, os dois movimentos implicam

* Doutora em Antropologia pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da UFRJ; prof.^a Visitante do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Roraima; integrante do Núcleo de Antropologia do Trabalho-NuAT (PPGAS-MN/UFRJ) e do Grupo Etnografias da Amazônia Ocidental-GEAM (PPGANTS-UFRR).

transformações de ordem corporal e subjetiva a ponto de moldarem não só o corpo mas também a pessoa andamarquina.

Palavras-chave:trabalho, Andes peruanos, camponeses, substâncias.

Resumen: En Andamarca, una *comunidad campesina* de los Andes peruanos, las fiestas y el trabajo colectivo constituyen momentos de gran importancia, propicios para compartir comidas, bebidas y esfuerzos. El trabajo colectivo es utilizado en la construcción de casas de adobe, limpieza y construcción de canales de riego, caminos y carreteras. Para los andamarquinos la realización de actividades en equipos crea una dinámica capaz de proporcionar una suerte de competencia positiva, además de la manutención y generación de vínculos mientras todos estén determinados a alcanzar un objetivo común. La división en grupos genera *ánimo*, es decir, la fuerza y disposición para realizar actividades consideradas *duras y pesadas*. Para que esta fuerza no se termine, durante el trabajo se hace una distribución de sustancias que también producen *ánimo* como las bebidas alcohólicas y la coca. Lo mismo suele suceder en las fiestas, momentos en que la distribución de bebidas alcohólicas son fundamentales para hacer bailar a los participantes, generar alegría y ganas de *gozar*, para crear una determinada atmósfera o *ambiente* característico de las festividades. Con base en una investigación etnográfica, este texto propone una breve comparación entre las fiestas y el trabajo colectivo, presentando aproximaciones y diferencias entre los dos movimientos, considerando que el compartimiento de esfuerzos y sustancias son formas de constitución de colectivos presentes en ambas situaciones. Además, los dos movimientos implican transformaciones de orden corporal y subjetiva a punto de no solamente modelar el cuerpo sino también la persona andamarquina.

Palabras-clave: trabajo, Andes peruanos, campesinos, compartir.

Na entrada do Valle de Sondondo, no departamento de Ayacucho (Peru), encontra-se Andamarca, um povoado conhecido por seus magníficos e preservados *andenes* pré-hispânicos – plataformas agrícolas escalonadas distribuídas ao longo das faldas das montanhas¹. Essa paisagem monumental pode ser apreciada sob diferentes ângulos enquanto uma estrada estreita e serpenteada que conecta o vale ao altiplano (*puna*) é percorrida. Um primoroso

1 Andamarca é nome da sede do distrito (a menor unidade político-administrativa do país) chamado Carmen del Salcedo, ou seja, é o nome do *pueblo*, a vila ou o povoado, o qual está situado por volta dos 3.500 metros de altitude e conta com uma população bilingue, falantes de quíchua e de espanhol, de aproximadamente 2.500 habitantes.

sistema de irrigação construído junto com os *andenes* é o que torna possível o cultivo de tubérculos e cereais sob o clima predominantemente seco da região, o qual dá lugar às chuvas de novembro a março, período em que a paisagem local é dominada pelo verde em contraste com os tons dourados do resto do ano. Os muros de contenção de cada *andén*, feitos de pedras, absorvem calor de dia dissipando-o à noite, contribuindo assim para a fertilização do terreno. A atividade agrícola é destinada sobretudo para o autoconsumo dos andamarquinos que costumam também vender, dar ou trocar pequenas porções de suas colheitas².

Conforme alguns estudiosos (ver Kendall y Rodríguez, 2009), as *andenerías* de Andamarca estão entre as mais preservadas do Peru, característica que se converte em atrativo para visitantes. Uma das razões fundamentais para seu excelente estado de conservação segundo os próprios andamarquinos, é que se tratam de *andenerías vivas*, isto é, produtivas, uma vez que a cada sementeira e colheita são (re)ativadas. Esta é uma condição para que permaneçam *vivas*, ao contrário das *andenerías* de Cusco, sempre lembradas por eles como um exemplo de *museo, solo para ver*, devido a sua inatividade, não sendo mais utilizadas para plantar.

A única forma de preservar os *andenes*, segundo os andamarquinos, é fazendo com que de fato esses sejam terrenos continuamente produtivos. Esse é um dos estímulos para que a maioria mantenha suas roças *vivas*, ainda que a agricultura não seja exatamente uma fonte de *economía* (renda, dinheiro)³, pois requer tantos gastos que muitas vezes *no conviene, no te sale la cuenta*, resultando mais barato comprar alimentos industrializados. Nota-se, desse modo, que as motivações para plantar estão mais relacionadas a um modo de vida *campesino* cuja origem remete a tempos pré-hispânicos, descrito pelos andamarquinos muitas vezes por *costumbre*, ainda é predominante. Em contraste com essa quase impossibilidade

2 Os dados que deram origem a este trabalho foram coletados através de uma pesquisa etnográfica realizada entre 2009 e 2011 – resultando numa estadia de aproximadamente 15 meses – durante o doutorado em antropologia no PPGAS do Museu Nacional (UFRJ), a qual serviu de base para a tese intitulada “Herança Rucana, berço de danzantes, terra de *andenería*: trabalho e política em Andamarca” (Caballero, 2013a). Após esse período foram realizadas duas viagens curtas a Andamarca: uma semana em julho de 2014; e cerca de duas semanas em julho de 2016.

3 Devido a pouquíssima rentabilidade e aos grandes investimentos financeiros e de esforços que a agricultura demanda, nos últimos dois anos muitas famílias estão começando a dedicar-se mais ao cultivo de alfafa para suas vacas leiteiras ou para alugar a terceiros.

de rentabilidade da agricultura⁴ está a criação de animais (*ganadería*), atividade que pode conferir certa estabilidade econômica às famílias funcionando também como uma sorte de poupança em caso de doenças ou qualquer urgência que se apresente. A venda de queijos artesanais é a principal fonte de renda da maioria das famílias e a forma garantida de *hacer suplatita*⁵.

Todas as manhãs podemos avistar a homens e mulheres percorrendo estradas e caminhos íngremes até suas roças, chamadas localmente de *chacra* – outro nome para *andenes*⁶ –, o que pode ser adequadamente traduzido por roça. A grande preocupação diária dos andamarquinos, sobretudo das mulheres, é *atender* as vacas leiteiras que vivem nas roças convertidas em *alfalfares* (plantações de alfafa), sua principal fonte de alimento. Os animais são diariamente levados até uma fonte d'água para saciarem sua sede e ordenhados; logo após, ainda no campo, as mulheres dão início à confecção dos queijos. *Atender* as vacas é uma tarefa reconhecida como feminina, mas há alguns anos homens também passaram a se encarregar desse trabalho. Cuidar das vacas leiteiras é descrito pelas mulheres como algo semelhante a cuidar dos filhos, uma vez que elas possuem nome próprio, são adornadas periodicamente com brincos de fitas coloridas, manifestam diferentes manhas e vontades e são capazes até de reconhecer a voz de quem as cuida.

As vacas fêmeas permanecem com seus donos por aproximadamente sete anos, o ápice de seu período reprodutivo, enquanto os machos são criados por até no máximo dois anos, e depois são vendidos. Os touros são adquiridos



-
- 4 Por conta de várias razões enumeradas pelos próprios andamarquinos, as quais não estão estreitamente relacionadas ao objeto principal deste trabalho, como o fato de a tecnologia empregada na agricultura ser inteiramente manual, de predominarem as pequenas extensões de terra, entre outras.
 - 5 Desde a perspectiva dos andamarquinos as desigualdades socioeconômicas entre eles geralmente são engendradas pela prática da *ganadería* e do comércio. Vale mencionar que *ganadería*, nesse caso, faz referência principalmente à compra e venda de animais. Trata-se de um comércio de maiores proporções, que envolve vários animais e/ou muitas mercadorias. Isto é, não se trata de qualquer compra e venda, mas daquela que permite a acumulação. Os andamarquinos que se dedicam a essa atividade de forma contínua e regular são aqueles que têm mais chance de se destacarem economicamente da maioria. Por conta disso, são vistos com certa desconfiança, agentes virtuais de uma possível desigualdade socioeconômica entre 'quase iguais', o que sempre é visto pela maioria como algo ameaçador, capaz de mudar a configuração política interna, a qual manifesta certo tom igualitário (ver Caballero, 2013a).
 - 6 Todo território fértil de Andamarca é composto de *andenerías*, por isso quando se fala em *chacras*, ou roças, estamos falando de *andenes*.

principalmente para reprodução e para arar a terra, pois o arado manual ainda é a única forma utilizada. Mesmo assim, o momento de se desfazer de um touro, e mais ainda de uma vaca, é algo muito *triste*, semelhante à despedida de um parente, de um filho. Caso um dia alguém volte a topar com um animal que já foi seu, esse é um momento repleto de emoção: mesmo com o passar do tempo os animais ainda são capazes de reconhecer a voz de quem os criou. Embora haja muito afeto dirigido a esses seres, os andamarquinos não deixam de ressaltar o quão trabalhoso é cuidar das vacas leiteiras, e dizem que *tener vacas es como una esclavitud*, visto que não há um dia sequer de folga para quem as cria. Em outro sentido, tais animais são considerados provedores, sem os quais as famílias não conseguiriam subsistir, convertendo-se na fonte de renda mais estável e regular independentemente da época do ano.

Todavia, há outra classe de animais que, diferentemente dos anteriores, não precisam de cuidados humanos com frequência. Esse é o gado da *puna* (altiplano), tratado como *salvaje* e, portanto, *brabo*, capaz de atacar ou de escapar por seu temperamento arreado. Os rebanhos criados nos extensos pastos *puneños*, seja de bovinos, ovinos ou camelídeos (alpacas) vivem de forma um tanto mais livre e autônoma do que as vacas domesticadas, tendo maior acesso à comida e água, e pastoreados geralmente por homens. Desde a perspectiva dos andamarquinos, o pastor, durante sua lide, não se esforça muito se comparado ao agricultor ou mesmo a quem cria vacas leiteiras, costumando-se dizer que esse não é um trabalho de verdade, e que os pastores são *flojos*, *ociosos* (preguiçosos). O único que os pastores precisam fazer é ficar parados *solo viendo* seus animais, enquanto plantar e colher de fato exige demasiado esforço físico. Pastorear, segundo essa visão, sequer é um trabalho, ao passo que a atividade agrícola é o modelo ideal de trabalho, que faz as pessoas se cansarem, suarem, se desgastarem. Criar vacas leiteiras também é considerado um trabalho porque esses animais precisam ser guiados, *atendidos*, *te hacen correr* (te fazem correr), e, além do mais, a ordenha e o processo de feitura dos queijos é igualmente trabalhoso, exigindo paciência, pois demorado, e disposição – manejar o leite em seus diferentes estados (soro e *quesillo*) sob as intempéries é uma tarefa muito penosa segundo as mulheres. É certo que há andamarquinos pastores, porém, a maioria deles também é agricultores. Andamarca, como possui espaços para ambas as atividades (a *puna* coberta por seus pastos, e o vale provido de água e clima mais favorável), é um povoado onde geralmente seus moradores podem dedicar-se às duas atividades, embora se autodefinam como exímios agricultores desde tempos imemorráveis – daí sua expertise com os *andenes*, uma saber fazer muito valorizado por outros que já o perderam e tentam resgatá-lo. No entanto, este não é o caso de outros povoados próximos que definem-se como eminentemente pastoris pois não dispõem de terras para plantar, o que para os

andamarquinos os define como *sallqas*, palavra pejorativa que significa *salvaje, ermitaño*.

A concepção de que o trabalho é algo positivo, ou, dito de outra forma, do trabalho como um valor, é muito clara entre os andamarquinos que enaltecem frequentemente aquele que trabalha. A pessoa trabalhadora é vista como alguém cheia de virtudes, pois se esforça e se *sacrifica*, percorrendo os caminhos ideais para prover aquilo que necessita. Ao passo que o *flojo*, o preguiçoso, por oposição, é visto como uma sorte de parasita, alguém que vive, em alguma medida, às custas de outros, não gozando assim de autonomia suficiente para se manter, podendo usurpar, tirar de outros a qualquer momento. Dito isto, cabe destacar que ademais do trabalho desempenhado pelos membros de cada família, o que diz respeito a uma esfera doméstica, mais íntima, há ainda outro modo de trabalho realizado coletivamente e que, portanto, diz respeito a uma esfera pública, onde o desempenho de todos aqueles que vivem em Andamarca está em jogo. São dimensões da vida coletiva, as quais são forjadas conjuntamente quando, por exemplo, todos têm que contribuir para a limpeza dos canais de irrigação, a abertura de caminhos e estradas, porque todos farão uso dos canais e também das estradas.

Essa ênfase do trabalho coletivo na vida comunitária dos andamarquinos emerge como um movimento agregador, criador de vínculos e mantenedor daqueles já existentes. Outro movimento de grande importância nesse sentido são as festas, cujos participantes comem, bebem e dançam juntos. Entretanto, tal compartilhamento de substâncias não acontece somente nas festas. Durante o trabalho coletivo, no campo e nas *faenas* – uma espécie de mutirão muito comum na organização social de povos andinos (ver Isbell, 2005) – mascar coca, beber, fumar e comer junto são atos considerados fundamentais, sem os quais as atividades simplesmente não podem acontecer. Veremos a seguir como esses compartilhamentos expressam-se de forma contundente na vida andamarquina e quais são os seus efeitos.



Festas: da obrigação de receber e de se alegrar

As festas enquanto eventos extraordinários na vida da comunidade intercalam de forma marcante a rotina pacata dos andamarquinos, que se preparam com muito empenho e planejamento a cada celebração. Há as festas familiares, comemorações que reúnem parentes e amigos (casamentos, batizados, aniversários, entre outros); e as festas que agregam os comuneros (membros da comunidade) em geral, eventos maiores que os primeiros e para os quais todos estão virtualmente convidados – entenda-se andamarquinos e visitantes que

quiserem participar, ainda que durante a festa esse ‘querer’ dos convidados não seja tão livre nem estritamente individual assim. Em todas as festividades há algumas etiquetas que devem ser observadas pelos convidados, e outras pelos anfitriões, como veremos adiante. Durante o trabalho de campo pude participar de inúmeras celebrações, desde as grandes festas até as reuniões familiares menores, por exemplo asque acontecem quando algum comunero morre, e que embora não sejam chamadas de festas possuem os mesmos elementos característicos (muita bebida, comida e música). Com a diferença marcante de que nessas ocasiões tristeza e alegria são emoções continuamente alternadas entre os participantes, mais do que em qualquer outro momento – pois não raro choro e tristeza costumam aflorar nas grandes bebedeiras. Trataremos nesta seção das festas maiores, as quais estão estruturadas segundo o sistema decargos, um modelo muito comum nos Andes o qual consiste basicamente em um rodízio de cargontes, isto é, pessoas que se comprometem em dar a festa, oferecendo comida, bebida e música fartamente a todos – a cada ano ocorre a definição dos responsáveis pelos cargos. Existem cargos voluntários, no caso das festas religiosas, e cargos obrigatórios, como os da Festa da Água (Yaku Raymi), a maior e a principal festa em Andamarca. A obrigação, nesse caso, deriva da noção coletiva de que todo comunero assim como tem o direito de usar água para dar vida a seus cultivos, tem igualmente o dever de retribuir à comunidade. A água é vista pelos andamarquinos como um recurso coletivo, de todos, logo, assumir um cargo nessa festa é uma forma de retribuir a todos já que as celebrações nessa ocasião giram em torno da manutenção do poder fertilizador da água através de oferendas diversas (bebidas e outros elementos, inclusive danças).

Agosto é um mês muito importante pois é encarado como o início do ano agrícola andamarquino, período em que a terra está *abierto*, o que significa dizer que suas potências (benéficas e maléficas) estão mais intensas. O primeiro dia de agosto marca esse momento, reconhecidamente por todos um dia muito perigoso, não sendo recomendável tocar na terra devido aos perigos que podem ser manifestos – males diversos que afetam os humanos expressando-se através de debilidades e doenças do corpo e da alma. Por conta dessas potências predadoras da *Pachamama* (mãe terra), ser poderoso que anima as coisas do universo, dificilmente encontra-se alguém trabalhando no campo esse dia, considerado na prática quase um feriado. A realização da Festa da Água se dá ao longo de vários dias (entre 14 e 26 de agosto), um evento que atrai andamarquinos residentes em outras partes do Peru e do mundo que fazem o possível para comparecer na maior e mais animada festa de seu *pueblo*, a que mais se *desfruta* e se *goza*, capaz de tornar a rotina pacata do pequeno povoado em momentos intensamente agitados por alguns dias.

As oferendas ou *pagos* (*despachos* ou *pagapas*) para a água e para a *Pachamama* são feitos logo no início, geralmente de 14 a 18 de agosto, pelos *setores* de irrigação que utilizam mais quantidade de água. Considera-se necessário *pagar a terra* com vinho, aguardente, *chicha* (bebida fermentada de milho), água corrente e incensos para defumação (*sabumada*) para que se tenha uma boa colheita. No local de cada *pago* são depositados na terra, em um buraco profundo, pequenos jarros de cerâmica, feitos especialmente para a ocasião, os quais contêm todos os líquidos. Ao se depositar os jarros, se eles caírem em pé significa *buena suerte* para a colheita; se algum deles virar e derramar o líquido é sinal de *mala suerte*, de um ano agrícola ruim. Lembrando que em Andamarca bem como em outras partes da região andina, a *Pachamama*, os *Apus* (montanhas protetoras) e os *ancestros* (também chamados de *abuelitos*), comem, bebem e gostam de ser lembrados. Por isso mesmo é preciso ofertar, dar a *Pachamama* no seu mês (agosto) tudo que ela gosta para que não se zangue e faça mal (*daño*) aos humanos e suas criações (como animais e plantas).

A sorte, a riqueza e a abundância, tanto das famílias como dos animais e dos cultivos depende das relações que se criam e se mantêm com esses seres, e cultivar essas relações passa diretamente pelo ato de alimentá-los, de compartilhar substâncias também com esses não-humanos. Enquanto entidades ambivalentes, elas podem agir positiva ou negativamente, fazendo-se necessário reforçar e renovar os *pactos*, mostras de *respeito* e de humildade, o que nos faz recordar das oferendas dos mineiros bolivianos para o *Tío*, nome dado ao ser sobrenatural que vive nas profundezas subterrâneas, também chamado de *Diablo*, do qual depende a sorte (a vida e também a riqueza) desses trabalhadores nas minas de estanho, conforme descrevem as célebres etnografias de June Nash (1979) e de Michael Taussig (2010). Do mesmo modo, os *pagos* para a *Pachamama*, *Apus*, *ancestros* e até mesmo para a própria água, explicitam o reconhecimento de seu poder e materializam a lembrança de que a vitalidade das coisas existentes no mundo depende da cooperação entre os coletivos humanos e não-humanos⁷, noção muito presente entre os andamarquinos. Os mineiros bolivianos não fazem oferendas somente ao Diabo, mas também às montanhas, ressaltando uma noção andina primordial que é a da natureza ou paisagem animada com quem os humanos trocam dádivas constantemente, como sublinhou Taussig: “*As pessoas alimentam o corpo da montanha com dádivas e sacrifícios, e a montanha retribui com comida para todos*” (Taussig, 2010: 222).

Voltando ao *sistema decargos*, cada festa é composta por um conjunto de *cargos*, o qual possui uma hierarquia. Jovens recém-casados, por exemplo, nunca serão

7 Na coletânea organizada por Rivera Andía (2014) há inúmeros exemplos etnográficos dessa cooperação entre coletivos humanos e não-humanos nos Andes.

responsáveis pelo *cargo* máximo, mas por um cargo proporcional à posição em que se encontram no momento. Há uma gradação de *cargos* por meio da qual se percebe uma lógica que leva em conta diferentes momentos da vida dos andamarquinos: desde os solteiros e recém-casados, a quem corresponde os *cargos* menores, até os casais que já alcançaram suficientes condições (idade madura, bens, filhos adultos, já passaram *cargos* menores), os aspirantes ao *cargo* máximo⁸. Na Festa da Água, o *cargo* que ocupa o topo da hierarquia é o *mayor dedanzantes*, anfitrião responsável pela atração principal da festa: os *danzantes de tijeras*⁹, cuja dança em si é uma oferenda. Essa é uma obrigação exigida àqueles que usam maior volume de água para regar e, de acordo com um princípio de proporcionalidade, devem retribuir na mesma medida, responsabilizando-se pelo *cargo* mais importante e mais caro.

O *comunero* que reúne todas as condições e ainda não assumiu um *cargo* correspondente tem chance de ser apontado diante de todos nas assembleias, espaços onde se definem assuntos referentes à vida coletiva. Para recusar, a pessoa indicada precisa de uma boa justificativa: doença grave na família, morte recente da esposa/filho/pais, devendo também realizar uma previsão do cumprimento do seu compromisso. Idealmente, trata-se de um constante concentrar e distribuir ao longo da vida; quando se alcança mais um nível da hierarquia social, considera-se que já é momento de assumir outra obrigação, até alcançar o topo dos *cargos*. Mesmo que o candidato não tenha recursos materiais para passar o *cargo*, apesar de ter idade, pode ter uma rede de familiares que o ajudarão a cumprir tal responsabilidade: compadres, padrinhos, pais, irmãos, primos, tios. Assim, os parentes lhe darão em *ayni* – palavra quéchua que significa retribuição, intercâmbio recíproco, ajuda mútua, reciprocidade (Gose, 2001; Allen, 2008; Isbell, 2005) –, ou seja, que os parentes ajudarão esperando

⁸ Trata-se de um “estímulo acumulativo” ao longo da vida dos andamarquinos ao qual Ossio se refere em sua tese (1992a). O autor discorre sobre o “grau de madurez social” dos indivíduos, noção vinculada à ideia de “ciclo de desenvolvimento dos *comuneros*”. Seguindo esse movimento os indivíduos engrenam numa competição saudável, positiva, a qual é a base da vida social no mundo andino, “um estímulo poderoso para que esses mostrem suas habilidades acumulativas e persuasivas e, consequentemente, seu grau de madurez social” (1992b: 263).

⁹ A *danza de tijeras* é originária dos departamentos de Ayacucho, Huancavelica, Apurímac e norte de Arequipa, no sul dos Andes Centrais do Peru. O *danzante* ou *danzaaq*, em quéchua, desempenha sua *performance* sozinho ao som de violino e harpa, manuseando com a mão direita uma tesoura que, na verdade, é um instrumento musical idiofônico – as duas folhas da tesoura ao se chocarem produzem um som que remete ao barulho das águas. Essa dança é um ritual propiciatório para o bom desenvolvimento do ano agrícola (Arce Sotelo, 2006).

uma retribuição no futuro, quando cada um deles tiver uma obrigação semelhante. Esses familiares e amigos mais próximos também podem *ajudar* ou *apoiar* com um dos requisitos importantes para a festa, invariavelmente música, comida e bebida; ou, ainda, podem ajudar a fazer os preparativos necessários – tarefas que vão desde conseguir a lenha para cozinhar e matar os animais até fazer a comida (cortar e descascar uma infinidade de legumes, cozinhar e servir os convidados). A realização dessas tarefas é algo que se espera dos parentes e amigos mais próximos e também daqueles que já foram ajudados em eventos semelhantes, e que estarão apenas retribuindo o apoio que já receberam. São obrigações implícitas, que cada um deve tratar de cumprir se quiser consolidar e reforçar suas relações.

Quando alguém passa *cargo*, além de *cumprir* com a obrigação, questão de honra e reputação, também pode ganhar muito prestígio entre os *comuneros*. Tudo depende se será considerado bom anfitrião, e para que isso aconteça é necessário que haja bons músicos e dançarinos, fartura de comida e bebida. Esse conjunto de elementos que caracterizam as festas de forma geral indicará se tal pessoa é *tacaña* (mesquinha) ou se *passou bem* seu *cargo*. O bom anfitrião é conhecido como *allintampito*, palavra quéchua que designa aquele que recebe bem, que oferece com fartura, *sin medir* comida e bebida (sem controlar, sem mesquinhar). O pior anfitrião é aquele que *tiene y no quiere dar*, a pessoa que mesmo possuindo recursos não aceita passar *cargo*, ou mesmo que passe se empenha para gastar o mínimo possível – o lado negativo do sistema de *cargos*, segundo os andamarquinos, é que ele *no te deja progresar*, não permite a acumulação, pois tudo que foi economizado durante anos terá de ser gasto com a festa. Voltando a sublinhar o *ayni* em seu sentido mais amplo como um princípio central nas sociedades andinas (Gose, 2001; Allen, 2008; Isbell, 2005), dar e compartilhar são atitudes sempre vistas como positivas, enquanto que exercer o movimento contrário, não dar, reter, acumular, guardar para si, ser avaro, é algo muito mal visto, tanto como ser ambicioso, aquele que deseja em excesso, que sempre quer mais (Caballero, 2013b).

Em Andamarca a comensalidade aparece como um momento criador de intercâmbios, tanto no compartilhamento repetido e recíproco do cotidiano como durante as festas, momentos extraordinários de grande importância no que se refere à construção de laços e aprofundamento de vínculos (Belaunde, 2001; Coconier, 2012; Overing, 1999). A diferença da comensalidade diária, os momentos festivos são mais formais. Deve-se aceitar o oferecido de qualquer forma; caso não seja do desejo do convidado consumir imediatamente é possível levar sua porção para casa. Para recusar, a pessoa deve ter alguma boa razão (doença ou mal-estar físico, ou haver recebido o convite imediatamente após uma refeição) que justifique sua exclusão do momento em que todos comerão

juntos. Não se pode simplesmente recusar o oferecido, é preciso *receber* o que é dado (*hay que recibir*). Um andamarquino jamais recusa comida, e os forasteiros tampouco devem recusar.

Nas festas maiores, como a Festa da Água, momentos em que se formam enormes rodas ou *redondelas*, com dezenas de participantes que dançam intensamente variações de sapateados andinos, tampouco é aconselhável rechaçar bebidas alcoólicas. A bebida deve passar por todos, sendo servida em um único copo, devendo fazer a *volta* (*darla vuelta*) e não saltar (*no saltar*) ninguém, ou, não deixar ninguém de fora, assim todos são convidados e, mais importante, vão sendo contagiados pelo ritmo da festa, mostrando-se mais e mais alegres a cada copo. Da mesma forma que um anfitrião pode zangar-se com alguém que recusa a comida que é oferecida, também pode incomodar-se com os convidados que não dançam e não bebem, dizendo que está gastando *por gusto* (em vão) com músicos e bebidas. Por um lado, o anfitrião tem que convidar e oferecer, por outro, os convidados têm que aceitar o que lhes é oferecido. Trata-se de uma etiqueta, logo, de uma expectativa sobre o comportamento de ambas as partes, não apenas do anfitrião, mas também dos convidados que “*deben alegrarse y bailar, tomar para ponerse aún más alegres, deben llenarse de comida, o sea, deben aceptar de todo dejándose llevar por los ritmos de la fiesta y a penas acompañarlos, sin ofrecer resistencia*” (Murguía, 2014:121).

É precisamente esse o esforço dos convidados, que ainda que não sintam desejo de comer, beber ou dançar, terão que fazê-lo de alguma forma, pois não se trata somente do seu querer, como mencionado acima, mas de uma espécie de vontade coletiva que se impõe nesse momento. Os anfitriões e seus ajudantes devem fazer com que os convidados comam, bebam e dancem (costuma-se dizer que nas festas *te hacen comer/beber/bailar*). Se a pessoa resistir muito ao que lhe é proporcionado, oferecido, se ela não deseja realizar o esforço necessário para estar na festa, então sequer deve participar. Assim dizem vários andamarquinos que já não estão dispostos a beber quando de fato não desejam, ou a dançar quando realmente não estão alegres; embora uma vez ou outra seja possível usar de alguma artimanha para escapar das obrigações do convidado. A experiência de beber junto e dançar junto nas festas é em si uma forma de (re) fazer relações, momentos muito valorizados pelos andamarquinos que gostam de enfatizar que *hay que vivir la fiesta, hay que gozar*. Esta é a razão da festa: viver um evento extraordinário, beber e dançar excessivamente, fazer o corpo desgastar-se de outra forma que não através do trabalho. Dançar com vontade, expressando movimentos vivazes e empolgação, sapatear no ritmo da música, cantar e, talvez, se emocionar, são atitudes esperadas, ou seja, todos devem se entregar aos ritmos da festa, exatamente como se refere Murguía (2014). A importância das bebidas alcoólicas reside nessa gestão dos humores e das

emoções dos convidados, já que é uma substância que ajuda a liberar as “*expresiones de dolor o de alegría*”, caracterizando-se como “*un acto que fundamentalmente expresa lazos sociales*” (Allen, 2008:180). Absolutamente cientes disso, as *despensas*, senhoras encarregadas de servir as bebidas, distribuem entre os convidados *quemadito* (bebidas destiladas que vão ao fogo junto com misturas de ervas, cascas de frutas e outros temperos) ou *cañazo* (destilado de cana-de-açúcar), alternando com *chicha de gora* (bebida de milho bem pouco fermentada, não chegando a ser considerada uma bebida alcoólica), capaz de alimentar e modular os efeitos do álcool. Através da ingestão desses líquidos vai estimulando-se progressivamente a animação da festa.

Na compreensão dos andamarquinos, a recusa de comida e bebida é claramente sinônimo de *desprecio*, uma recusa à interação, à possibilidade de retribuição, ou, à possibilidade de criação de relação. Em oposição, o ato de oferecer é visto como um gesto de *cariño*, ou, mais ainda, uma atitude inclusiva, uma vez que de fato o convidado tem a chance de compartilhar. Se *no se puede* recusar, tampouco se pode deixar de oferecer, ou de convidar. Tais noções vão exatamente na mesma direção do que já afirmou Mauss no seminal “Ensaio sobre a dádiva”: “*Recusar dar, negligenciar convidar, assim como recusar receber, equivale a declarar guerra; é recusar a aliança e a comunhão*” (2003: 201-202). Pois bem, pode-se dizer que é disso que se trata para os andamarquinos quando se convida/aceita: uma possibilidade de aliança e de comunhão com os demais. Toda pessoa presente deve ser convidada para comer e para beber, é um costume (*costumbre*) que os andamarquinos dizem ainda preservar diferentemente de outros *pueblos* da região onde recentemente pessoas desconhecidas são automaticamente excluídas. Nota-se, entre os andamarquinos, atitudes que expressam uma ênfase na perspectiva inclusiva, segundo a qual todos são sempre considerados; sendo assim, recusar ou não receber significa excluir-se, um movimento contrário ao movimento predominantemente desejado. Isso nos remete à perspectiva que se tem do outro nos Andes, pois uma mesma pessoa ou grupo pode ser vista ora como “*nós*”, ora como “*outro(s)*”. Esse pertencimento circunstancial e relativo da pessoa, expressa a necessidade e a complementaridade do outro (ver Ortiz, 1993).

Um bom exemplo da possibilidade de transformação em ‘de dentro’ e ‘de fora’ é a penalidade máxima prevista nas regras da *Directiva Comunal*. Aquele que cometer uma falta considerada gravíssima receberá uma sanção proporcional: deixa de ser *comunero*, perdendo todos os seus direitos – por exemplo, receber água para irrigação. Contudo, vale ressaltar que para ser um *comunero* é preciso cadastrar-se nessa espécie de associação de moradores que é a *Directiva Comunal*, e para que se tenha acesso a esse direito é preciso ter vivido pelo menos dois anos em Andamarca, ao longo dos quais, conforme o entendimento dos

andamarquinos, a pessoa conviveu com outros sobre o mesmo território, sob o mesmo céu, compartilhando a mesma água, alimentando-se dos frutos da terra andamarquina – e, assim, tornando-se composto por esses elementos, sem os quais seria impossível sobreviver. Além do mais, a participação das atividades coletivas (festas e trabalhos) é outra forma de construir relações com lugares e pessoas de Andamarca. A primeira condição, portanto, é tornar-se parte da *comunidad* de fato, depois de direito, status que formaliza direitos e deveres. Daí ser possível dizer que este é um movimento na direção da familiarização que possibilita que outros, segundo tais condições, possam (des)tornar-se *comunero* – à semelhança do que Overing (1999:90) observa entre os Piaroa na Amazônia sobre a prática cotidiana, o processo da vida comum, que vai fazendo com que os membros de uma comunidade vão “*se tornando de mesma natureza*”, ou, similares.

Trabalhando e fazendo festa

Antes da sementeira acontece a irrigação, uma atividade extremamente organizada, com dia e hora para começar, uma ordem específica que delinea um circuito, sendo realizada sempre de baixo para cima. Os *andenes* mais abaixo são os primeiros a serem irrigados, e os de cima são os últimos, evitando-se com isso desmoronamentos. A água passa por todos os *andenes*; o dono de cada *andénrecibe* a água e após utilizar o previsto, a quantidade a que tem direito – calculada em horas –, deve *pasar* para o próximo, e assim sucessivamente. A distribuição da água para irrigação prevê uma quantidade a ser repartida entre todos para que não falte a ninguém. Contudo, fala-se frequentemente em *robos* de água, eventos capazes de suscitar graves desentendimentos: *por agua la gente se pelea*. A pessoa que rouba está querendo mais do que a parte que lhe cabe, sendo uma falta sancionada pela *Comisión de Riego* – que compreende as autoridades responsáveis pela gestão local da água – com multa em dinheiro podendo chegar à proibição de regar.

Enquanto a irrigação pode ser feita por uma ou duas pessoas, a sementeira envolve sempre mais de um participante. As tarefas de separar sementes, abrir sulcos com arado de touros e depositar sementes possuem um tom festivo, sobretudo quando se trata da sementeira do milho, ocasião em que se faz *Pito*, nome dado à comemoração familiar que acontece no campo. *Pito* é o nome da bebida de consistência pastosa que resulta da mescla de *chicha de qora* com *machka* – uma farinha fina de cereais variados, açúcar e canela –, preparada especialmente para essa celebração e muito apreciada pelos andamarquinos.

Embora seja uma festa familiar, todos estão virtualmente convidados para o *Pito*: alguém que porventura esteja passando por perto, um vizinho de roça ou de casa, um parente distante, um conhecido, um visitante. Enfim, qualquer pessoa será recebida da mesma forma (com comida e bebida). Segundo a etiqueta local, cabe ao visitante levar uma garrafa de bebida alcoólica, preferencialmente de vinho, e um par de flores grandes de cores vibrantes para oferecer ao casal dono da chácara, que deve usá-las no chapéu sinalizando a ocasião festiva. Caso a pessoa seja surpreendida por um convite e nada disponha para oferecer no momento, será igualmente recebida, devendo aceitar tudo que lhe oferecerem, assumindo o compromisso implícito de retribuir no futuro.

Antes de iniciar o trabalho, o dono das roças oferece *chicha* a todos e cada um antes de beber deve aspergir em cima de cada tipo de semente *para hacer crecer*. São feitas libações com vinho para a *Pachamama*, *Apus* e antepassados com o propósito de que tudo corra bem durante as atividades (*para quiete vaya bien*) e para que os cultivos se desenvolvam devidamente. Iniciada a semeadura, as mulheres estão encarregadas de depositarem as sementes – ainda que vez por outra isso possa variar –, e os homens, geralmente uma dupla, assumem o papel de aradores, um deles guiando os touros e o outro empurrando o arado. Se o terreno for grande são necessárias várias mulheres para se responsabilizar por trechos dos sulcos que vão sendo abertos. A cada passo, colocam-se duas ou três sementes, dependendo do seu tamanho. Quando o estoque de sementes termina é preciso reabastecer as mantas rapidamente, de preferência uma de cada vez, de modo que o trabalho não seja interrompido. Para que a atividade seja executada com sucesso, pois possui um ritmo bem marcado, demandando sincronia e agilidade da equipe, é fundamental que o apoio entre os participantes seja recíproco. Caso contrário, o trabalho *no avanza*, o que de forma alguma é desejável, havendo sempre uma porção de preparativos e cálculos para a execução dessas tarefas.

Aqueles que ajudam ou apoiam familiares, parentes ou amigos, podem receber como retribuição uma pequena parte da colheita pelo seu esforço. A ideia de que dar é uma conduta positiva também está relacionada com uma certa noção de sorte na produção familiar, como chama atenção Bugallo (2014:361), para que os cultivos cresçam e amadureçam como deve ser é preciso “*saber compartir e invitar parte de las producciones logradas*”. Isso garante a multiplicação (*multiplifico*) das famílias, animais e plantas, contribuindo para que a sortetambém se multiplique. Para quem recebe, dispor de consideráveis quantidades de batatas e de milho significa ter comida garantida por determinado período, poder celebrar festas, trocar com parentes e amigos ou até mesmo vender. Costuma-se dizer que antigamente, quando as famílias eram maiores e tinham vários *andenes*, essa era uma prática muito comum entre parentes próximos. Quando se dá parte do que

foi plantado à outra pessoa, essa deve retribuir com refrigerantes, frutas, ou, ainda, uma pequena quantia em dinheiro para ajudar na manutenção dos cultivos enquanto crescem até sua colheita. Além disso, todos os que trabalham são convidados para comer, mesmo os trabalhadores *contratados* pagos por jornada (*peón*)¹⁰, e ninguém deve recusar, conforme já mencionado. Tal gesto interpretado como negativo, não apenas por significar uma recusa à construção de relação, pode ainda afastar a sorte, ou, conforme Peñafiel (2015), dita atitude pode fazer com que a comida não volte mais para aquele que a rejeitou. O momento de comer junto durante uma jornada de trabalho é tão importante quanto à execução das atividades.

Trabalho coletivo: da obrigação de dar e de se esforçar

Passemos brevemente à organização espacial do território de Andamarca para compreender um pouco mais a respeito das *faenas*, excelente exemplo do que gostaria de destacar neste texto acerca do trabalho coletivo. O povoado em si está dividido em quatro bairros: Pata (oriente) e Tuna (ocidente), Ccarmencca (sul) e Antara (norte); e o distrito¹¹ possui três *anexos* ou pequenas vilas: Chircre, Huaccaracca e Huayllahuarmi. A divisão em metades também se dá no âmbito do território do distrito: o rio Negromayo corta o vale dividindo-o em uma margem oriental, alimentada pelo rio Vizca; e uma margem ocidental, alimentada pelo próprio Negromayo. Todas essas unidades, os *sectores* da *puna* – as terras próprias para o pastoreio – ou os *sectores* do vale – as terras próprias para a agricultura e criação de vacas leiteiras –, assim como os bairros, possuem um presidente e um comitê (vice-presidente, secretário, tesoureiro, suplente), encarregados de questões administrativas, eleitos periodicamente. A importância da divisão em partes está relacionada à capacidade de organização dos andamarquinos para diferentes fins. No caso de *faena* por bairros, ou seja, um dia de prestação de trabalho coletivo e não remunerado para a *comunidad*, os presidentes dos bairros são os responsáveis por recrutar os *comuneros*, organizar e fiscalizar o trabalho. Cada unidade é uma equipe e as tarefas a serem executadas são distribuídas entre os membros de cada equipe.

As *faenas* são atividades coletivas que mobilizam a todos os que vivem em Andamarca configurando-se como eventos ideais para se realizar grandes empreendimentos em benefício de um coletivo, seja da *comunidad*, de um bairro

10 Aliás, a alimentação dos trabalhadores sempre é dada à parte de qualquer pagamento, configurando-se como uma obrigação daquele que contrata.

11 Lembrando que distrito é o menor território político-administrativo do país.

ou de um *sector*. Fazer *faena* é uma obrigação dos *comuneros* para com o coletivo e uma forma de obter seus direitos: *El que trabaja tiene derecho*. Enquanto aqueles que não cumprirem com suas obrigações recebem sanções estipuladas coletivamente. Um membro de cada família (casal e filhos) deve comparecer à *faena*, caso não seja possível, deve-se pagar alguém para cumprir a obrigação. A contrapartida das autoridades é proporcionar *chicha*, coca, bebida e cigarro a todos os que estão trabalhando. Devido ao entendimento de que a pessoa vai se constituindo não só no sentido moral mas também físico a partir dos elementos naturais locais (a água, o ar, a terra uma vez que necessitase alimentar) é que todos devem contribuir através de seus esforços com algumas benfeitorias locais. Desse modo, como moradora de Andamarca por alguns meses, me senti motivada a participar voluntariamente de algumas *faenas* – o que foi encarado pelos demais como algo positivo –, experiência que me permitiu compreender a importância de trabalhar junto como um meio para a criação e a consolidação de relações com os demais moradores.

No início de uma *faena* cada pessoa recebe um punhado de folhas de coca, um cigarro e um pouquinho de bebida, elementos para pagar a *Pachamama*, *Apus* e *ancestros*. Depois disso todos estão aptos a começar o trabalho, via de regra *pesado*, atividades que demandam resistência, força e fôlego – como carregar areia e pedras para a construção de canais. As tarefas consideradas mais *pesadas* são sempre destinadas aos homens. Nos intervalos para descanso uma senhora serve uma pequena porção de bebida alcoólica a todos. É o momento da *miskipa*, substantivo derivado de *miskipar*, verbo que significa consumir aquilo que é *miski*, ou seja, gostoso, e as substâncias que reestabelecem a força e o vigor para seguir trabalhando são consideradas *miski* (coca, cigarro, bebida alcoólica). Beber durante as *faenas* é algo esperado, sobretudo porque a própria bebida é chamada de *ánimu*, que significa a força vital de tudo que é animado – um componente da pessoa segundo Spedding (2008), semelhante à alma mas ao mesmo tempo diferente, pois a pessoa andina é composta de corpo, alma e *animu* (*ajayu*). Do mesmo modo como vimos nas festas, a bebida alcoólica é um líquido que anima fazendo com que o corpo fique mais estimulado para o trabalho, porém, precisa ser bem dosado nessas ocasiões. Para os andamarquinos, o álcool é uma substância que dá coragem, força, tira o medo, fazendo a pessoa perder a *flojera* (preguiça), a insegurança ou a dúvida, além de revigorar e repor o vigor físico. Contudo, embriagar-se até cair, impossibilitando o trabalho, não é bem visto pelos demais ainda que eventualmente suceda. Se esses momentos se transformarem em *tomadera* (bebedeiras) o trabalho não *avanza*, sendo as festas os momentos propícios para as bebedeiras coletivas. Não obstante, depois de encerrada a *faena* aqueles que ficaram *picados* – estado que indica que a quantidade de álcool passou ligeiramente do ideal, fazendo com que

a pessoa tenha vontade de beber mais – seguem bebendo juntos em algum lugar, conduta que não parece incomodar os demais¹².

Já a coca é uma substância muito poderosa, a qual segundo Flores (2016:144) possui um papel “*explícitamente dialógico con múltiples seres sujetos del cosmos*”, isto é, permite que os humanos se comuniquem com seres de outros mundos¹³. O caráter mediador da folha conecta não somente os humanos e outros seres, senão que reforça também os nexos entre aqueles que mascam coca juntos – da folha se extrai seu sumo lentamente, não sendo engolida –, compartilhamento compreendido como sinal de amizade e cooperação. Essas são algumas das capacidades da planta, de comunicar e de produzir comunhão, para as quais nos chama atenção Catherine Allen em sua extraordinária etnografia sobre as formas como a coca é compreendida pelos habitantes de uma comunidade andina peruana (2008). A mastigação de coca, sobretudo, consiste em um “*modo de vida*”, e pessoas de verdade, ou “*personas reales*”, mascam coca, o que significa “*afirmar valores y actitudes; hábitos de la mente y del cuerpo*” (2008:20). Mais ainda, um convite para mascar coca “*es una invitación a la interacción social*” (2008:154).

Outra característica do trabalho coletivo são as brincadeiras do tipo *bromas rojas*, literalmente brincadeiras vermelhas, ou melhor, safadas, picantes. Ao rir e brincar o trabalho torna-se mais leve, menos *pesado*, não sentindo-se tanto o cansaço. Desse modo, resulta no momento oportuno para *fastidiar* alguém, incomodar no sentido de zombar, fazendo com que a atividade encarne um misto de diversão e trabalho, transformando tais empreitadas em lides menos *fastidiosas, aburridas*, as quais, porém, não deixam de ser vistas como trabalho. Com esse objetivo, é importante que a *faena* esteja repleta de participantes para que as tarefas sejam distribuídas entre todos, não tornando-se demasiado cansativas e impossíveis de serem concluídas. Os mais velhos, inclusive, relembram o tempo em que as *faenas* eram inevitavelmente acompanhadas de música (bumbo e flauta pan) tal qual as festas, algo um tanto menos frequente na atualidade. Ainda que certa porção de alegria seja desejada, essa deve emergir na medida em que aquece o trabalho, contribuindo para que a empolgação dos participantes seja crescente, semelhante ao ritmo que vai sendo marcado durante as festas. Embora as *faenas* contenham características festivas a ponto de se

12 Beber sozinho é uma conduta reprovada socialmente; beber demanda interação social, assim, supõe-se que aqueles que bebem sozinhos estão doentes(deprimidos ou alcoólatras).

13 A coca é usada nas terras altas sul-americanas de várias formas rituais, principalmente para curar e adivinhar o futuro. Nesse último caso, é feita a leitura da coca é realizada por especialistas (“*curanderos*”, “*chamanes*”, “*brujos*”, “*médicos*” etc.) e também por pessoas comuns nas suas rotinas (ver mais em Flores, 2016 e Allen, 2008).

imbricarem com as celebrações em determinados momentos, o objetivo maior desse coletivo é a realização e a conclusão de tarefas árduas que busca-se fazer com certo prazer para que se tornem mais amenas e, portanto, exequíveis.

No dia a dia percebe-se que a divisão em partes é o que torna possível uma competição positiva, semelhante àquela presente na dinâmica dos jogos esportivos, capaz de engendrar *ánimo*. Sem esse princípio dinamizador, estimulante ou ‘animador’ seria difícil realizar diversas atividades como abrir caminhos e estradas, construir e limpar canais de irrigação. Como mostra o mito que Juan Ossio (2006) extrai do estudo de Salvador Palomino (1984) sobre a comunidade de Sarhua, revelando o que o autor caracteriza como um traço das cosmologias andinas. Quando todos eram iguais e não existiam *ayllus*¹⁴ não havia “*ánimo*” para trabalhar até que os homens pensaram em se opor uns aos outros, e a autoridade os dividiu. Com a divisão foi introduzido “*un estímulo para el trabajo pues permitió la competencia, que unos rivalizaran con los otros y se acelerara el trabajo*” (Ossio, 2006:48). Cria-se, assim, uma competição positiva, princípio fundamental uma vez que aquece o trabalho.

É preciso destacar, ainda, que nas *faenas* todos dão uma porção de si, através de seu suor conforme se esforçam, em favor do coletivo da mesma forma que nas festas – coletivo que deve ser entendido de forma ampla, incluindo também *Pachamama*, águas e montanhas, animais e plantas etc. Em ambos os casos trata-se de uma forma de devolver, de retribuir as forças que foram tomadas, algo semelhante ao ato de passar um *cargo* na Festa da Água, por exemplo, uma retribuição daquilo que a pessoa precisou usar, tomar uma parte, nesse caso a água, para poder constituir-se a si mesmo e aqueles que cria. Assim, pessoas vão constituindo seus corpos através dos movimentos que compreendem a festa e o trabalho coletivo; e também pela absorção das substâncias que vão compartilhando não apenas nesses momentos, mas também em suas rotinas. As *faenas* e as festas reforçam as relações entre esses, sendo capazes ainda de fundarem relações ou até de desfazerem as que já existiam. Esse seria o caso da pessoa que não se esforça para ajudar a outros, que evita comer e beber com os demais, que é sovina ou ambiciosa, enfim, que age de forma a caracterizar um comportamento egoísta. Ainda que brevemente, vale lembrar que a própria noção de pessoa andina segundo Spedding (2008:98) está estreitamente



14 De acordo com Allen (2008:159), *ayllu* “*en su definición más general, es un grupo de individuos que constituyen un cuerpo social em torno a un lugar, un ancestro o una tarea que les proporciona un foco de unidad*”. Esse conceito pode ser mais cuidadosamente discutido, inclusive a própria autora ressalta sua complexidade e apresenta um longo desenvolvimento a respeito. Não obstante, essa definição por ora é suficiente para o entendimento do argumento em questão.

relacionada com o entendimento de que o “*individuo nunca actúa de manera totalmente separada de las personas más cercanas a él*”¹⁵. Pessoas de verdade não só interagem socialmente como dependem umas das outras para existir até corporalmente. E, mais ainda, dependem da terra, das águas, dos animais, dos seus ancestrais, enfim, de uma cadeia de seres que é muito extensa e complexa; algo que os andamarquinos parecem, de fato, nunca esquecer.

Dos efeitos de compartilhar: a importância de fazer junto

O caráter quase festivo do trabalho coletivo e os esforços compartilhados envolvidos também na preparação das festas, sendo que em ambas as ocasiões há sacrifícios que visam a melhoria/bem comum, nos levar a dizer que esses são momentos em que a comunidade se (re)faz, constituindo-se propriamente enquanto coletivo. O conjunto de equipes deve trabalhar de forma sincronizada uma vez que o resultado final depende de todos, assim como a sincronia presente nas danças. O momento de beber e de comer, bem como de trabalhar e de dançar são situações em que todos estão compondo seus corpos das mesmas substâncias, por um lado, as quais são despendidas coletivamente, por outro. Nesse sentido, compartilhar esforços e substâncias em diferentes ocasiões são práticas que fundam relações da pessoa andamarquina – ou mesmo do forasteiro – com outros, com um coletivo, possibilitando um processo de familiarização entre diferentes seres. No sentido inverso, a recusa sistemática do compartilhamento, seja de esforço, seja de substâncias, é encarada pelos andamarquinos como uma recusa à possibilidade de forjar essas relações.

Após descrever brevemente festa e *faena*, trata-se de demonstrar como o trabalho coletivo está permeado por elementos festivos, e do quanto as festas estão repletas de etapas que demandam esforços, inclusive dos convidados. Com isso, uma forte relação entre trabalho e festa é enfatizada, um imbricamento que destaca sobretudo a dimensão da ação coletiva, do fazer junto. Esse esforço coletivo é algo que está ao mesmo tempo relacionado ao *ánimu* de cada um, à força vital (um dos elementos que compõe a pessoa) que cada um põe em movimento e libera através de algumas atividades. Esforçar-se, de certa forma, ‘trabalha’ o corpo; é um dos meios de fazer, de modelar o corpo daquele que trabalha e/ou que dança, além de (re)fazer, de (re)constituir também o próprio coletivo. O trabalho por excelência para os andamarquinos, como foi dito, é

15 A autora diz, ainda, que a “*persona que se encuentra en esta red de acciones vinculadas, no es simplemente un cuerpo, y tampoco es una mente única que piensa por sí sola*” (Spedding, 2008:99).

aquele que faz o corpo suar, cansar, que requer esforço físico intenso, de tal modo que essa transformação corporal é indicativo, de alguma forma, de que esse corpo se sacrificou, do mesmo modo que nas festas; processos através dos quais o corpo despende parte de sua força vital, de seu *ánimu*. Trata-se de uma visão que associa o corpo a uma transformação, de certa maneira, como condição necessária para que esse corpo vá sendo forjado; e quando essa transformação se dá a partir do fazer junto, está reforçando uma das dimensões da própria noção de pessoa em Andamarca.

Referências

- Allen, Catherine (2008), *La coca sabe: coca e identidad cultural en una comunidad andina*, Cuzco, Centro Bartolomé de las Casas.
- Arce Sotelo, Manuel (2006), *La danza de tijeras y el violín de Lucanas*, Lima, IFEA/ PUC- Instituto de Etnomusicología.
- Belaunde, Luisa Elvira (2001), *Viviendo bien: género y fertilidad entre los Airo-Pai de la Amazonía peruana*, Lima, CAAAP/BCRP.
- Bugallo, Lucila (2014), “Flores para el ganado. Una concepción puneña del *multiplico* (puna de Jujuy, Argentina)”, en Rivera Andía, Juan Javier (ed.), *Comprender los rituales ganaderos en los Andes y más allá. Etnografías de lidias, herraranzas y arrierías*, Aachen, Bonner Amerikanistische Studien, pp.311-363.
- Caballero, Indira Viana (2013), *Herañca Rucana*, berço de *danzantes*, terra de *andenería: trabalho e política em Andamarca*, Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
- Caballero, Indira Viana (2013), “Alimentos, reciprocidades e fluxos: sobre a lógica da alternância nos Andes peruanos”, en *Ilba*, v.15, n.1, Florianópolis, pp.123-148.
- Coconier, Gala (2012), “¡Qolaq Sequ’aq! (‘¡Vamos a comer!’). Identidad, comensalidad y género en la alimentación de los Qom (Toba) del Centro-Este de Formosa”, en Babot et al (eds.), *Las manos en la masa: Arqueologías, Antropologías e Historias de la Alimentación en Suramérica*, Córdoba, Universidad Nacional de Córdoba, Facultad de Filosofía y Humanidades/Museo de Antropología UNC-Instituto Superior de Estudios Sociales UNT, pp.71-92.
- Flores, Eugenia (2016), “Las artes de leer e interpretar las hojas de coca”, *PROA: Revista de Antropología e Arte*, n.06, Campinas, pp.141-160.
- Gose, Peter (2001), *Agua mortífera y cerros hambrientos. Ritos agrarios y formación de clases en un pueblo andino*, La Paz, Editorial Mamahuaco.



- Isbell, Billie Jean (2005), *Para defendernos: ecología y ritual en un pueblo andino*, Cuzco, Centro de Estudios Regionales Andinos Bartolomé de Las Casas.
- Kendall, Ann y Rodríguez, Abelardo (2009), *Desarrollo y perspectivas de los sistemas de andenería en los Andes Centrales del Perú*. Cuzco, Centro de Estudios Regionales Andinos Bartolomé de Las Casas/Instituto Francés de Estudios Andinos.
- Mauss, Marcel (2003), “Ensaio sobre a dádiva”, en Mauss, *Sociologia e Antropologia*, São Paulo, Cosac Naify, pp.183-314.
- Murguía, Luis (2014), “Tauromaquia en el altiplano (Puno)”, en Rivera Andía, Juan Javier (ed.), *Comprender los rituales ganaderos en los Andes y más allá. Etnografías de lidias, herrarzas y arrierías*, Aachen, Bonner Amerikanistische Studien, pp. 69-121.
- Nash, June (1979), *We eat the mines and the mines eat us: dependency and exploitation in bolivian tin mines*, New York, Columbia University Press.
- Ortiz Rescaniere, Alejandro (1993), *La pareja y el mito: estudio sobre las concepciones de la persona y de la pareja en los Andes*, Lima, Pontificia Universidad Católica del Perú.
- Ossio, Juan (1992a), *Parentesco, reciprocidad y jerarquía en los Andes*, Lima, Pontificia Universidad Católica del Perú/Fondo Editorial.
- Ossio, Juan (1992b), *Los indios del Perú*, Madrid, MAPFRE.
- Ossio, Juan (2006), “Andinidad”, en Boletín del Instituto Riva-Agüero, n.33, Lima, pp.39-53.
- Overing, Joanna (1999), “Elogio do cotidiano: a confiança e a arte da vida social em uma comunidade amazônica”, en *Mana*, v.5 (1), Rio de Janeiro, pp.81-107.
- Palomino, Salvador (1984), *El sistema de oposiciones de la comunidad de Sarhua*, Lima, Ed. Pueblo Indio.
- Peñafiel, Adriana Paola Paredes (2015), “Relações do alimentar e relações que alimentam: El Tambo e a Mamacocha no norte do Peru”, *Tessituras*, v.3, n.2, Pelotas, pp.219-241.
- Rivera Andía, Juan Javier (2014) (ed.), *Comprender los rituales ganaderos en los Andes y más allá. Etnografías de lidias, herrarzas y arrierías*, Aachen, Bonner Amerikanistische Studien.
- Spedding, Alison (2008), “La persona humana en los Andes”, en Spedding, *Religión en los Andes. Extirpación de idolatrías y modernidad de la fe andina*, La Paz, ISEAT, pp. 79-101.
- Taussig, Michael (2010), *O diabo e o fetichismo da mercadoria na América do Sul*, São Paulo, Ed. Unesp.